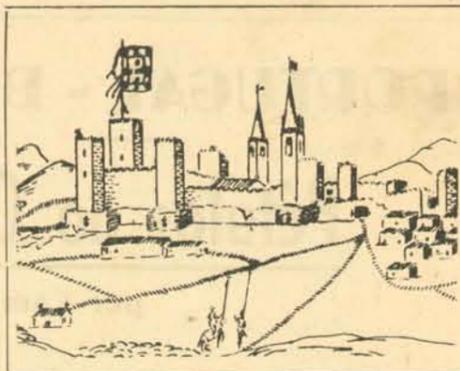


Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTONIO CARMONA RIBEIRO PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE
---	---	---



MEDITAÇÃO

SOBRE O DINHEIRO

1

Andamos aí a dizer mal do dinheiro, mas, afinal, é ainda preciso tê-lo — e muito — para nos darmos ao luxo de simular que não precisamos dele para nada e lhe voltamos as costas como pessoa com quem vivemos de relações cortadas.

2

Quando nos persuadimos de que o dinheiro pode fazer tudo, damos a impressão de que tudo — até as ignomínias — somos capazes de fazer por dinheiro.

3

A função faz o órgão. Órgão que não se usa acaba por atrofiar-se. Também dinheiro que não circula — e se guarda avaramente — é como pernas que não aproveitamos para andar, língua que não aproveitamos para falar.

4

Dizem alguns que se pode ser muito feliz com pouco dinheiro. Comentário dos gastadores de profissão: — isso são boatos espalhados pelos pobretanas de carreira. O dinheiro não nos dá a garantia absoluta de que sejamos felizes. Mas não sendo felizes, o rico dinheirinho é, até certo ponto, uma compensação para o facto de o não sermos. Infelicidade com ouro não é boa. Mas sem ouro ainda é pior. O ouro traz preocupações. A falta dele não as traz menores. E do mal o menos...

5

Há quem diga que se está tranquila, dia cheio, fama limpa e consciência eufórica são estados que só podemos gozar não tendo a preocupação do dinheiro. Dizem outros que esses estados só o dinheiro os pode propiciar. Onde se situará a verdade, no oitavo de além, ou no oitenta daqui? Parece que na média aritmética — no quarenta e quatro. Se somos escravos do dinheiro — adeus se está tranquila, dia cheio, fama limpa, consciência eufórica! Se, porém, formos senhores desse mesmo dinheiro, automaticamente arranjaríamos as condições propícias para criarmos esses tais esta-

O Poço da rua do Fundo

De entre os arruamentos dos sitios no recinto muralhado da vila de Nisa, aquele que evoca maior ambiência histórica é, sem dúvida, o da rua do Fundo. Nesta pousaram, em casas legadas à Ordem de Cristo por frei Manuel Homem, os vigários da igreja Matriz, como se pode ler nos traslados de documentos datados de 1560 e que chegaram — diríamos por milagre — aos nossos dias. Nessas casas da rua do Fundo se comece, em 1773, um horroroso crime que o Dr. Graça, na sua "Memória Histórica", descreve no seu estilo tão caracteristicamente empolado, embora alterando pormenores, que não discutiremos aqui. Num esconso da rua do Fundo esteve esquecida a cabeça decepada do autor do nefando estupro, numa exibição que repugnaria a sensibilidade do leitor, mesmo afeita à ideia de pavorosas hecatombes termo-nucleares. Nela enfim, se situa — perdão, situava — o poço concelhio da vila de Nisa.

Quando em 1343, por ordem superior de D. Afonso IV (1), se começou a levantar a cerca desta vila, certamente que os seus construtores depararam com o problema da água para amassar o barro e a areia com que ligariam os blocos graníticos. Abrem-se pois, aqui, as hipóteses de o poço — tal como alguns arruamentos — preexistir à construção da muralha, ou de ter sido escavado com os seus alicerces. Vamos muito pela primeira, atendendo somente ao texto do documento de 1305, parcialmente transcrito na obra acima aludida.

E assim, cremos que no fluir dos séculos, muito terá

contribuído para abastecer do precioso líquido os habitantes desta vila durante os assédios que suportaram e, certamente, acudido às necessidades higiénicas mais elementares dos seus moradores.

Esta expressão "precioso líquido" poderá parecer a muitos hiperbólica, mas não é, se considerarmos que, em 1519, o almoxarifado de Nisa pagou a Simão da Costa, operário, quando da construção de um lagar, de "setenta cântaros de água que acarretou", 35 reis, ou seja, meio real por cântaro, o equivalente, para o caso particular de Nisa, a 4\$20 em moeda corrente. E disto concluiremos que não seria cousa fácil obter água em Nisa em grandes quantidades.

Mas correu o tempo. A obra resistiu-lhe mas perdeu, aos poucos, as suas características originais. Deixou de ser poço e passou a ser esterqueira; deixou de abastecer os moradores pois estes, presentemente, usufruem de água potável nas suas próprias casas; já não acudia às necessidades higiénicas porque se transformara num centro de infecção.

Soubemos, e vimos, com desgosto, que não só tinham entulhado o poço da rua do Fundo como lhe tinham derrubado o parapeito que, salvo erro, fomos encontrar amontoado junto do cruzeiro das Almas, no caminho para a fonte da Cruz.

Compreendemos perfeitamente que antes de todo e qualquer argumento se deve colocar a saúde dos nisesenses, mas, a força das circunstâncias deram-nos uma perspectiva histórica

dos problemas de higiene desta vila: sabemos como ela era há séculos e como ainda continua a ser.

Toda a água do poço da rua do Fundo não bastaria para lavar a imundice das azinhagas que circundam Nisa.

E se, legalmente, só a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais tinha poder para mandar entulhar o poço, pela simples razão de que este se encontrava a menos de 50 metros das muralhas de Nisa, classificadas, como é do conhecimento comum, Monumento Nacional, mais se nos afigura a todos os títulos inútil e antieconómica a depredação do anteparo do poço, pois devia saber-se que as suas paredes estavam revestidas com silharia igual à da muralha, formando assim, com ela, um todo inseparável.

Se admitissemos sempre este género de solução, dentro em breve não haveria em Nisa uma única porta ogival e nada impediria o desmantelamento do resto da muralha, uma vez que do castelo já só restam vestígios...

Cremos, porém, que muitas soluções se poderiam preconizar, mais económicas e mais úteis — já adoptadas, aliás, em momentos inspirados.

Fernando Portugal

(1) Ruy de Azevedo. "História da Expansão Portuguesa no Mundo". Vol. I, pag. 46. Um ano depois de nos ter sido comunicada a notícia consignada nesta valiosa obra, e após pacientes e persistentes buscas, conseguimos este basilar (para não dizer revolucionário) documento.

Este número foi visado pela Censura

MEDITAÇÃO

SOBRE O DINHEIRO

6

dos, não só a nós próprios (o que já seria muito) mas ainda ao nosso semelhante (o que é muito mais).

O artista só pode criar, em clima de liberdade. Se lhe condicionamos a criação artística, logo se sente esmorecer. É por isso que os grandes artistas afirmam muito sinceramente que preferem viver na miséria material a terem de vender a sua liberdade por dinheiro.

7

Com um grão de ouro, posso perder a cabeça. Com um grão de sabedoria, posso encontrá-la. Vale, às vezes, a pena perdê-la, para ganharmos a sabedoria que nos permita encontrá-la. É na adversidade que se ganha a sabedoria.

8

Se a alma, por vezes, não voa, é porque o corpo está demasiado carregado. Vem o dinheiro, descarrega o irmão corpo, e com o corpo lépido, a alma ganha asas. Só por isso, o rico dinheirinho vale um poema!

9

Do dinheiro se diz: nem de mais nem de menos — só o "quantum satis". Onde começa o menos todos o sabem. O que ninguém sabe é onde começa o mais. A aritmética para baixo todos a conhecem. Para cima todos a ignoram.

10

O dinheiro que nos roubam é dinheiro que pomos a juros — os juros da prudência. Depois de dinheiro roubado, — trancas na porta.

11

Diz-se que, à vista do vil metal, todos baixamos a cabeça. Não nos limitamos a baixá-la — acabamos por perdê-la. Sobretudo se ela já era muito leve.

(Continua na 4.ª página)

PORTUGAL - BRASIL

Pétalas do Céu

por Camilo Pessanha

Floriram por engano as rosas bravas
no inverno; veio o vento desfolha-las...
Em que sismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
de mãos dadas? Teus olhos que um momento
prescrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,
surda, em triunfo, pétalas, de leve,
juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze — quanta flôr —, do céu
sobre nós dois, sobre os nossos cabelos!

Câmara Municipal de Nisa

Do Relatório da Gerência de 1963

Saúde e Assistência

GUIAS PASSADAS

Embora ligeiramente, parece ter melhorado o problema da concessão de guias para tratamento de doentes nos hospitais centrais, regionais e outros, pois apenas foram passadas 103, contra 140 em 1962.

Como já tem sido relatado, para o Hospital Sub-regional de Nisa não são passadas guias.

SUBSÍDIOS

Como nos anos anteriores, subsidiámos a Casa do Povo de Nisa com a quantia de 12.000\$00, para se garantir, como até aqui e através dos seus médicos, a necessária assistência às populações das freguesias de Santana, S. Matias e S. Simão, como vai referido no mapa de fls. 46.

À Santa Casa da Misericórdia de Nisa foram também concedidos subsídios no montante de 32000\$00, pois, como facilmente se poderá avaliar não serão os 20% que a Câmara paga da diária, ou sejam 6\$00, que chegam para tratar um doente.

Só lamentamos que as nossas disponibilidades não tivessem permitido ir mais além, como muito desejaríamos, pois não ignoramos as enormes dificuldades que a Santa Casa da Misericórdia vai tendo para manter o Hospital Sub-regional em funcionamento.

ASSISTÊNCIA ÀS POPULAÇÕES

A assistência médica às populações continua assegurada pelos médicos dos 4 paridos e por uma parteira, cujas áreas vão indicadas no já referido mapa de fls. 46.

POSTOS MÉDICOS

Os Postos médicos criados e instalados em Monte Claro e Velada na freguesia de S. Matias; em Monte do Arneiro na freguesia de Santana e em Pé da Serra, na freguesia de S. Simão, continuaram a ser utilizados pelos 2 médicos da Casa do Povo, como ficou referido instalados os dois primeiros em prédios cedidos gratuitamente para o efeito; o do Monte do Arneiro em parte do antigo edifício escolar e o do Pé da Serra num prédio arrendado pela Câmara.

POSTO DE RECEPÇÃO DE LEITE

No ano de 1963 passaram pelo Posto de recepção de leite 126 376 litros de leite, ou seja uma média diária de 346 litros, contra 355 (e não 365 como por lapso se indicou no último relatório) em 1962, 350 em 1961, 342 em 1960 e 330 em 1959.

O rendimento arrecadado durante o ano foi de 19 431\$10, sendo 156\$00 de aluguer de bilhas e 19 275\$10 de taxa de reembolso de despesas com envasilhamento, lavagem e selagem de bilhas, contra 20 146\$90 em 1962 (24\$50 — 20 122\$40).

Os encargos que em 1962 haviam sido de 24 507\$50, passaram em 1963 para 20 029\$20 o que está demonstrando que as receitas não estão superando as despesas.

SERVIÇOS DE HIGIENE E LIMPEZA

Não foi possível melhorar estes serviços, como desejaríamos.

Além de se encontrarem vagos alguns lugares de servente de lim-

(Continua na 3.ª página)

A CIGARRA E A FORMIGA

por Carlos Tomás Cebola

CENÁRIO:

Um fundo de colunas e meias colunas em céu azul.

Ao subir o pano a cena está deserta.

Os personagens são colocados, depois, como estátuas, no cenário, e iluminados por focos de várias cores que acendem e apagam quando o personagem fala ou se cala.

ACTO ÚNICO

MÚSICA

1.º SOLISTA — Era uma vez...
Vou contar-lhes uma história muito velha, muito antiga!

2.º SOLISTA — Já tão velha, como o mundo!

3.º SOLISTA — Tão antiga como a vida!

A CIGARRA — A história da Cigarra

A FORMIGA — E da Formiga.

CORO — Era uma vez...

MÚSICA

1.º SOLISTA — Era uma vez, numa tarde de verão!
De verão alentejano, de verão canicular, sem um rasto de vida pelo chão, sem um risco de asa pelo ar, sem uma folha que bailasse num vento que não soprava, sem um grito que se ouvisse no aberto descampado, sem uma nuvem que pintasse o céu quieto e parado.
Era à hora da sesta.

CORO — Que calor!

1.º SOLISTA — Da sesta dormida à sombra duma árvore que dá... sol!

CORO — Que tristeza!

2.º SOLISTA — Onde é que está uma sombra?

3.º SOLISTA — Onde?

CORO — Onde!?

2.º SOLISTA — Da sesta dormida ao sol sobre a terra ressequida, sobre esta terra que implora, que chora, mas já não grita porque a voz se lhe secou de tanto que, em vão, gritou uma gota, apenas, de água!

CORO — Que calor!

3.º SOLISTA — Onde há uma gota de água?

CORO — Onde? Onde?

3.º SOLISTA — Da sesta dormida, ali, sobre o restolho queimado, sobre o trigo loiro e grado, sobre os tojos e as piteiras, sobre os regos da lavrada e entre fontes de suor.

1.º SOLISTA — Pois, uma vez, numa tarde, como esta, de calor, sobre esta terra e debaixo deste céu, a nossa história aconteceu.

MÚSICA

(Continua no próximo número)

CINE-TEATRO

Espectáculos para o mês de Abril

Dia 4 — "O Prémio" — (maiores de 17 anos)
Dia 11 — "Escravos do Império" — (maiores de 17 anos)
Dia 18 — "O Tirano de Siracusa" — (maiores de 12 anos)
Dia 19 — "Assim era Pancho Vila" — (maiores de 17 anos)
Dia 25 — "Cantinflas Faz Tudo" — (maiores de 12 anos)
Dia 26 — "A Mão Maldita" — (maiores de 12 anos)

Recordando

(Ao contemplar a gravura « Rossio do Passado »)

Eu vi um retrato antigo.
E confesso que lhe achei graça,
E disse cá para comigo:
Ai como o tempo passa!

Vi o Rossio sem Jardim,
Com figuras bem antigas,
Os trajos eram assim,
Com saias muito compridas.

De calça à boca de sino,
Embora sem etiqueta,
Não deixava de ser fino,
Os homens com a jaqueta.

A recordar o passado,
Dos tempos que já lá vão,
Até senti saudades
Das danças do Boqueirão.

Em certo dia fiquei,
Tão preso e tão encantado,
Que jámais esquecerei,
Os tempos da mocidade.

Não me esqueço facilmente,
Dessa vida sem escolhos,
Costumes de antigamente,
Não se afastam dos meus olhos.

É dia de romaria,
Da Senhora da Comenda,
E toda a gente trazia,
Uma alegria tremenda.

Tinha graça e tinha côr
A mocidade outrora,
Vestia mais a rigor,
O que não se vê agora.

Tão alegres e airosas,
Com os seus trajos garridos,
Eram belas e formosas,
As moças de tempos idos.

Mas tinham um não sei quê,
As trovas do nosso tempo,
E diz-se não sei porquê,
São melodias de sempre.

A dança na Sociedade,
Em moderna, sala rica,
Fala-nos dum passado,
Bem como o nosso Benfica.

É tudo tão diferente,
Mas creio e posso afirmar,
Qu'aquilo que a gente sente
É a idade a passar.

MANUEL DINIS CASIMIRO

Aniversários

Fazem anos no mês de Abril os seguintes estudantes:

Sara Dinis M. da Silva (2.º ano)
Rosa Deolinda B. Bragança (4.º ano)
Carlota Joaquina de Almeida Gomes Correia (5.º ano)
Pedro Rosa de Jesus Miguens Matutino (5.º ano)
Maria Isabel S. Oliveira (5.º ano).

Quem Canta

António me deu um cravo,
à saída do sermão;
meti o cravo no seio,
António no coração.

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

AO DE LEVE

Há dias, por entre um enfado sonolento de risos nervosos e perguntas insípidas, dizia-nos uma senhora, a quem tínhamos sido apresentados momentos antes: "Que hája pouco ou nada de discursos; estamos fartos de palavras; queremos obras".

Esta prosa de bronze que bem ficava nas páginas compactas do "Borda d'Água" ou no "Manual do Bom Viajante de Camioneta" veio a propósito de festa íntima de aniversário natalício.

Ora, a senhora tem de ter paciência.

Discordamos.

E discordamos porque se trata sem dúvida nenhuma, de uma lamentável confusão, quanto ao significado português da vulgaríssima frase latina "res non verba". (Isto de significados é coisa muito séria).

Nas vésperas da queda da monarquia, alguns conjurados levaram uma noite inteira a discutir se a revolução devia ser ou não simultânea.

Porquê tantas delongas em matéria técnica do "coup d'Etat"? Tratava-se de saber o significado perfeito, "rectum" da palavra simultâneo.

Semelhantemente, é caso para perguntar, perante a érea declaração, o que entende a azougada senhora por significado de "verba".

Qualquer farrapo "Magnum Lexicon" a informará, em duas colunas da equivalência lusíada de "res — rei".

E, uma vez informada, há-de concluir, por lógica redonda e elementar hermenêutica, que tanto se poderá referir às perturbações características da menopausa ou a uma casca de bolota ("res nullius"), como à mais grandiosa empreza de guerra, como à mais transcendente lubrificação intelectual.

"Verba", por outro lado, tanto se emprega em sentido metafísico, como na acepção de "palavras loucas" ou de vezes que não chegam ao céu.

E' vulgar a confusão, mas não deixa de ser sempre coisa lamentável, muito lamentável, como supôr que os gases dos pântanos são almas do outro mundo, ou que o Marquês de Pombal andou no Terreiro do Paço, a dar serventia a pedreiro; e daí o "estilo pombalino ...".

E' que nada se faz sem a palavra. Os mais célebres generais, os grandes santos, pela palavra arrastaram exércitos e pela palavra dilataram a Fé e o Império.

O nosso santo Condestabre, antes de batalhar, falava com Deus.

A palavra nasce no berço. E quantas vezes não se apaga no túmulo! Os mortos mandam.

Aliás, falando, é que os homens se entendem.

A confusão da linguagem entre os trolhas da Torre de Babel, cortou cerce a bisbilhotice de saber o que se passava no céu.

Nada de discursos? Puro engano. Antes das obras, é sempre indispensável a palavra.

De ouro, como a de Demóstenes, ou "de rei", como a de certos brutamontes, a palavra traduz um íntimo, revela um mundo e é o mais duradouro, o mais espiritual elemento das Pátrias.

António Correia de Oliveira, grande poeta português, numa das suas obras, referindo-se à linguagem, rimou sensatamente.

A língua é alma envolvente da Pátria de todos nós.
Maldito quem, loucamente,
lhe mancha a pureza ardente
ao bafo de escura voz.

Mudos obreiros duma reconstrução nacional?

Uma afirmação invalida a outra. Afonso Henriques, fundador da Nacionalidade, falou sempre direito aos seus soldados; e a sua palavra valeu sempre um tesouro, mesmo quando faltou à palavra.

Que Deus nos conserve a fala, pelo menos, para fazer destes mardrigais.

VALE TANTO...

Vale tanto, a espada do soldado,
Como o velho, cajado do pastor;
Vale mais uma vida com amor,
Do que a grande riqueza dum condado.

Vale mais a bondade do perdão,
Que vale a joia rara d'um colar;
Mais vale ainda o pouco e saber dar,
Que ter muito e fechado o coração.

Vale tanto, o que chega e satisfaz
P'ra vida, dia a dia, e se ter paz,
Que é bem certo sinal de recompensa.

Vale pouco o ter muito e alcançar
Tudo o que o mundo tem para nos dar,
É o Bem, ser para êsses a descrença.

Nisa - Abril - 1965

ILIDIO NOGUEIRA LEITÃO

Câmara Municipal de Nisa

(Continuado da 2.ª página)

peza, que não foi possível preencher, não foram ainda criados outros que desejamos, não só para melhorar o aspecto das ruas na sede do concelho, como das sedes das principais freguesias, onde tal se justifica. Teremos por isso de aguardar melhor oportunidade.

SERVIÇOS DE ELECTRICIDADE

De energia eléctrica consumida em iluminação pública apenas dispndemos a quantia de 37 387\$10, dado que mais não foi possível pagar.

Em 1962 foi paga a importância de 152 079\$80. Daí a razão de se ter ficado a dever aos Serviços Municipalizados a quantia de 124 966\$50.

Na aquisição de lâmpadas para as várias redes foi dispendida a quantia de 8 155\$60, contra 4 333\$00 em 1962.

Na iluminação pública das várias localidades foram consumidos durante o ano 119 617 kwh, contra 107 518 em 1962.

Nas várias repartições e serviços foram consumidos 15 295 kwh.

No mapa de fls. 49, vão discriminados os consumos verificados nas várias redes de iluminação pública e nas diferentes repartições e serviços.

CONSUMIDORES

Através do relatório apresentado pelos Serviços Municipalizados constata-se que em 31 de Dezembro de 1963 havia ligados às 6 re-

des eléctricas (Alpalhão, Amieira do Tejo, Arez, Montalvão, Nisa e Tolosa) 2 586 consumidores, contra 2 517 em 1962, 2 467 em 1961 e 2 271 em 1960 — mapa de fls. 47

ENERGIA ADQUIRIDA E DISTRIBUIDA

Pelos Serviços Municipalizados foram adquiridos 508 370 kwh, e distribuídos 440 429, contra 455 085 e 403 896, respectivamente, em 1962.

As perdas em todas as redes atingiram o montante de 67 941 kwh, contra 51 189 em 1962, com a percentagem de 13,3 em 1963 e 11,2 em 1962. — mapa de fls. 47.

TRABALHOS EXECUTADOS E A EXECUTAR

Os Serviços Municipalizados procederam à remodelação da rede eléctrica de Montalvão.

Os trabalhos de remodelação e ampliação da rede de Alpalhão, orçados em 510 contos, e para cujos trabalhos o Estado concede a participação de 40%, ou sejam 204 contos, não puderam ser ainda iniciados por os Serviços Municipalizados não disporem de pessoal suficiente para todos os trabalhos a seu cargo: rede eléctrica de Montalvão e redes de água da mesma vila, de Alpalhão e Tolosa.

Por outro lado estamos aguardando autorização para a realização do empréstimo de 300 contos na C. G. D. C. P., para a execução dos mesmos trabalhos, como atrás ficou referido.

Corações

agradecidos

Muito sensibilizados pelas provas de amizade e carinho, manifestadas quando do sinistro há semanas ocorrido na sua casa da Rua da Fonte, vieram até nós o Sr. José Dinis Mendes, digno industrial de sapataria, e sua mulher, pedir-nos que, por intermédio do jornal, transmitíssemos os agradecimentos seus a todos que, por qualquer modo os reconfortaram no cruel sucesso que os atingiu.

Na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, pois muitíssimas foram as amizades comprovadas, aqui fica a confissão de profundo reconhecimento, que gostosamente transmitimos ao público em geral.

DE CAPA E BATINA

O Doutor Assis respondeu uma vez em polícia correcional, por contravenção de posturas.

— Como se chama? — interroga o juiz.
— Doutor Assis.
— Quantos anos tem?
— Quarenta e oito.
— E' casado?
— Sim, com uma senhora.
— Olha o milagre! — observa o magistrado.
— Ora essa! — contravém Assis — uma irmã tenho eu, que é casada com um homem...

(Do "Livro do Doutor Assis")

Um Descante

por Maria Pinto

O' Adélia, já deixaste
A criação de solteira,
O cravo roubou a rosa,
Ficou chorando a roseira.

Já Carlos é teu marido
Do fundo do coração.
Chegou hoje então o dia
De dar a direita mão.

Saistes de vossa casa,
Com ramo de laranjeira,
E com ramo de flores
Colhidas numa roseira.

Atraz de ti segue o noivo,
Com silêncio e alegria.
Tanto ano a namorar,
À espera deste dia.

Chegou hoje o dia, enfim,
Já findou vossa canseira.
Eu sou teu e tu és minha,
Seremos até Deus queira.

Seguimos para a Igreja,
A tratar do casamento,
Com padrinhos e madrinhas
E nossos pais tão contentes.

Saímos de lá casados,
Com braço dado a perceito,
Um grande acompanhamento,
E tudo a nosso respeito.

Já nos deram o descante
Que é uso darem aos noivos.
Tomem lá uma garrafa
E uma salva de bolos.

FESTA DE DESPEDIDA

Ao deixar Marvão, onde durante anos residiu e exerceu a sua actividade de funcionário digno e cumpridor, um grupo de pessoas de maior representação naquela Vila promoveu uma festa de homenagem ao Sr. Fernando Correia Carita, recentemente colocado na Repartição de Finanças de Elvas.

Congratulamo-nos com o facto, por se tratar na verdade de pessoa merecedora da justiça que lhe prestaram, além do que é um nisenense aqui estimado e nosso presado amigo.

SOLUÇÕES SIMPLÓRIAS

A fim de se evitarem estragos nos pavimentos das vias públicas e incómodos para os transeuntes, passou a ser imposta a colocação do algeróz. Por isso, a perspectiva dos arruamentos mostra-nos longas teorias de calhas de zinco, que nada ficam devendo à estética e, consequentemente, ao bom gosto.

O simpático e tradicional beirardo português está vexado, encoberto por uma cangalhada banalíssima. Que a solução não é artística prova-se aos mais ignorantes, indicando-lhes os monumentos nacionais, onde nunca serão aplicados às gárgulas os antipáticos funis.

Os antigos conheciam processos eficientes para solução destes problemas; os modernos, depois de tanto progresso, ainda os ignoram.

Como se trata de mau gosto, o algeróz metálico continuará.

Quando voltam?

Na noite do passado dia 25 de Março realizou-se no Salão Paroquial um Encontro orientado pelo Rev. Dr. António Baltazar Marcelino, que veio até nós acompanhado de pessoas de sólida formação cristã. Estabeleceu-se curioso diálogo.

Assistimos com prazer à reunião, útil sob todos os aspectos e, em particular, utilíssima como lição prática duma espiritualidade que conforta as almas dela sedentas.

Que voltem muitas vezes, porque fazem cá muita falta, muita falta.

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO S. ANÚNCIOS PERMANENTES.
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESTI-
TUEM ORIGINAIS. A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura



A EVOLUÇÃO DOS TEMPOS

Ao homem que nasceu há sessenta anos e que tenha vivido até hoje as transformações nos hábitos da vida, durante estas seis décadas, não podem passar despercebidas muitas mudanças profundas.

E' verdade que a evolução sempre se deu através de todos os tempos: a vida avança a passos gigantes para uma mais completa perfeição. A productividade avança num ritmo que nos surpreende.

Os homens de ciência vivem numa batalha constante, entregando-se sem tréguas ao estudo, às experiências, em todos os sectores. Já chegámos a um progresso nas velocidades, que ainda há pouco era inacreditável.

Hoje, um avião transpõe a distância de Lisboa a Nova Iorque, em oito horas. E mais longe ainda poderíamos ir, referindo-nos a esses novos engenhos, de variados nomes, a caminho da Lua.

O mesmo se poderá dizer da medicina, da cirurgia, das armas de combate, dos sintéticos, dos concentrados.

E desta evolução, que tudo tem modificado, a mulher tirou grande partido. A dona de casa tem hoje ao seu dispor a máquina de lavar, o fogão a gás, as sopas instantâneas, os tecidos de fibras moderníssimas; fuma, guia automóveis, veste-se como quer e usa penteados, conforme os seus desejos. A mulher está conquistando o seu lugar na vida moderna.

No entanto, destas liberdades, que o progresso exige, notam-se alguns exageros.

Um penteado que está na moda desaparece de um dia para o outro, como por encanto. Por isso, temos visto caras bonitas, vítimas destas transmutações rápidas que, caindo no excesso, ficam desfiguradas, atingindo até o ridículo. Agora, começa a usar-se a franginha a tapar a testa, as orelhas, as faces, até metade do rosto, vedado à nossa vista por madeixas mal alinhadas.

Sei que a moda é para a mulher um estimulante, sempre recebido e olhado com interesse.

Mas, antes de fazer uso de qualquer moda, a mulher devia de considerar uma análise cuidada, tendo em conta que tudo se deve harmonizar, no sentido do realce da beleza e não no seu prejuízo.

Não devem encobrir as caras bonitas! Muitas mulheres já foram longe demais, deitando fora o lindo cabelo, esse factor de beleza, rico de encantos que completava uma harmonia. Temos visto raparigas, de calças, cabelo à rapaz, fumando, de perna trocada, à mesa dos cafés. Mas isto já não nos surpreende, pois são excentricidades nascidas já nos nossos dias. Só lamentamos que estas liberdades sejam apenas para absoluto desprimor do sexo.

Sentem-se, sim, às mesas dos cafés, têm lá também o seu lugar, mas com a compostura própria da mulher, pois só assim terão mais personalidade e maior imposição de respeito. Serão, assim, mais completamente senhoras.

Quanto aos homens de amanhã, são de referir as extravagantes e cómicas barbichas, que se vêm já com bastante frequência e as célebres cabeleiras, modelo de penteado segundo os bíteles. Há dias observamos num periódico ilustrado uma fotografia dum autêntico bítele, em corpo inteiro. Nada tínhamos ainda visto de maior pobreza humana. Que contraste entre esta imagem e as estátuas da velha Grécia, que atestam a perfeição física do homem, ser maravilhoso de linhas equilibradas e correctas!

O penteado à bítele cresce, no conjunto, até cobrir a testa, as orelhas, caindo sobre a gola do casaco dando a impressão de pessoas necessitadas, desleixadas, num atentado à higiene e à decência.

Juventude, põe de parte estes modelos, serás mais completa, com mais compostura, mais dignidade; a sociedade ver-te-á melhor!

As modas, como a liberdade, também têm os seus limites. Ultrapassá-los não é aconselhável.

ANIBAL GOULÃO

Luz; mais luz ainda!

Já por várias vezes nos têm referido que as entradas de Nisa não apresentam iluminação suficiente, o que, — dizem — não só produz mau efeito como causa transtornos de visibilidade para os condutores de veículos.

O automóvel, principalmente, reclama.

Não temos reparado no caso. Contudo, como se trata de pedir mais luz, venha mais luz, já que trevas e teias de aranha há aí com abundância, com abundância e com persistência.

CAL A MENOS

CAL A MAIS

Enquanto se consente que as empenas dos prédios se encontrem negras de breu, sem laivos de cal, semelhante exemplares pre-diluvianos, admite-se a estúpida caiação das cantarias, algumas delas venerandas relíquias dum passado longínquo.

Multipliquem a expressão por menos um; e tudo ficará com equilíbrio; não diremos algébrico, mas estético, coisa que muitos nem sabem o que é.

PARA TI | MEDITAÇÃO

SOBRE O DINHEIRO

(Continuado da 1.ª página)

12

Aquele que não tem com quem mandar cantar um cego não é senhor de ninguém. Nem sequer de si próprio.

13

Dinheiro faz dinheiro. E com dinheiro tanto podemos fazer que as águas do Mar Vermelho voltem a abrir-se para o passarmos a pé enxuto, como fazer tolices mais altas que um fura-céus.

14

Homem com dinheiro na bolsa, julga que todo o mundo é seu.

E ele, que se engana em tanta coisa, nesta, por um triz que não se mete dentro da verdade cem por cento.

15

Bolsa pesada faz cabeça leve. Ninguém diga "tolices não farei". É quase certo que as fará — e das grandes — se, mais do que o necessário, tiver dinheiro sobrando.

CRUZ MALPIQUE

Rev. Padre Bernardo Prata

Foi colocado como capelão no Asilo de Nossa Senhora da Graça o Rev. Sr. Padre Bernardo Prata.

As aves estão mudas nas árvores sem flores, sem folhas, sem ramos. Há um silêncio de túmulo na nudez do momento que passa. Nem a brisa ondulando nos canteiros sem flores, virgens de sementes, em que o orvalho tomba, consegue quebrar o silêncio do dia sem ter fim que nunca foi!

Caminhos tão sózinhos abrem-se aqui e além e neles ...

árvores sem troncos sem folhas sem flores albergam mudas aves sem penugem. E' a nudez deste momento que passou no dia que nunca foi!

MAR

De «O Meu Caderno»
(inédito)

O «Correio de Nisa» vende-se em Portalegre, na Papelaria do Sr. Silvino Henriques da Silva, na Rua do Comércio

*****EFEMÉRIDES*****

No dia 6 de Abril de 1385, foi proclamado rei, nas Cortes de Coimbra, D. João, Mestre de Avis.

Correio de Nisa

Vamos, finalmente, proceder à cobrança das assinaturas deste jornal. Os preços serão indicados no próximo número; e o respectivo pagamento efectua-se no mês de Abril.

Como não há possibilidade de enviar recibos à cobrança, solicita-se aos Srs. assinantes residentes actualmente fora de Nisa que remetam as importâncias em vale do correio, ou encarreguem alguém do pagamento na Redacção.

São estas as formas mais práticas e as mais económicas de liquidar.

O «Correio de Nisa» vende-se no Café Restauração de Miguel M. Dias

HERANÇAS DA VANDÁLIA

Ainda a Terra rolava a uns bons quilómetros do ponto vernal, já as andorinhas pipilavam sobre ramos e beirais. Elas são o anúncio da Primavera e uma mensagem de Deus, símbolos de uma ternura que alguns outros animais desconhecem embora tenham nascido com forma e figura humana.

Há dias, um destes últimos exemplares, estudados na Antropogeografia, dispunha-se a destruir ninhos de andorinhas. Impediram-lhe a selvageria.

Há pessoas que têm obrigação de educar certa gente.

Ao Entardecer...

Observámos, há dias, inesperadamente, um quadro curioso, naquele triangular recinto do Boqueirão. Operários lestos e esforçados colhiam bagas, na tarde calma.

A amenidade ambiente, a luz doce do sol, coada por nuvens plúmbeas, convidavam a um repouso, e talvez (quem sabe?) à leitura de "Le Lys Rouge", de Anatole.

Bastava apenas que o trânsito parasse, como num sonho lamartiniiano, e "ela" viesse, vaporosa e calculista, interromper a vespéral com a melodia do seu "my darling". Era tudo!

De silhuetas recortadas no limpo, os trabalhadores poderiam continuar a colher bagas, na tarde calma, tarefa delicada, embora inútil e um tanto cara, mas que não prejudicava a harmonia da tela, verdadeira iluminação, arrancada ao "Comentário do Apocalipse de Lorrão".

Namorados, que andais transbordando de Primaveras, meditai! As auras correm fagueiras, e o crepúsculo não tarda...

A MORTE

Catarina Bizarro, filha de João Mateus e de Guilhermina Bizarro; Libério Martins, filho de Agostinho Martins e de Maria da Rosa.

NEÓFITOS

Isabel Cristina Charrinho Bizarro, filha de Joaquim António Bizarro e de Maria da Cruz Charrinho — Rui José Menino Semedo, filho de Alfredo da Silva Semedo e de Sofia Maria Menina — Paulo Alexandre Serralha, filho de José do Rosário Serralha e de Maria Lufza Curado Paralta.

DEPRESSA E BEM

E' muito justo registrar aqui que o jardim do Boqueirão passou a ser varrido com mais frequência. Por isso, as bagas do arvoredo são ali já raras. Antes assim.

"ESPECTÁCULO"

Recebemos o número 2 desta Revista, dirigida por Anselmo Machado, que se apresenta rica de assuntos de Teatro, com entrevistas e comentários de bom cunho.